A IMPORTÂNCIA DA PESQUISA PARA O COTIDIANO ACADÊMICO DO ESTUDANTE

Maria Júlia Araújo Barbosa

Graduanda no curso de Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Valéria Barbosa Guedes

Resumo: Este artigo tem como objetivo abordar alguns aspectos para a elaboração de uma pesquisa de campo. E para realização desse estudo, percebemos a grande importância de buscar primeiramente a teoria para em seguida a prática. Com a teoria teremos subsídios suficientes para a realização de uma pesquisa de maneira correta. Trata-se de um artigo qualitativo, com base em estudos, realizados em sala de aula por nós discentes e por uma docente da área Pesquisa e Educação para nós no 4º período em Pedagogia na Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Com esse estudo, percebe-se como é importante o ato de conhecer o objeto de estudo antes de ir pesquisar, pois o pesquisador irá inserir-se em um cotidiano desconhecido e ele tem que saber interagir com ele.

Palavras-chave: Teoria. Relevância. Pesquisa.

INTRODUÇÃO

O presente estudo vem abordar a relevância da pesquisa para o pesquisador e/ou estudante, pois ele tem que ter um conhecimento prévio do que se vai pesquisar em campo. Isso contribui para uma boa compreensão do que se vai estudar e para que pesquisar. Sendo assim, é conveniente que estejamos preparados ao irmos a campo fazer uma pesquisa, pois não sabemos muitas vezes lidar com situações, que deixa-nos sem foco e motivação para seguir adiante nos estudos.

Temos como objetivo geral: fazer com que o leitor entenda as necessidades e relevâncias de conhecer melhor o que será estudado antes de ir a campo. Já como objetivos específicos, desejamos: a) Orientar o leitor sobre do que se trata uma pesquisa. b) Previní-lo sobre possíveis ações que possam vir prejudicar sua pesquisa. c) Informar as vantagens de um pesquisador bem informado sobre suas ações em campo.

Para a concretização desse estudo utilizamos aulas dialogadas com estudos de textos juntamente com a docente Dra. Maria Jackeline Feitosa Carvalho sobre temas específicos relacionados à pesquisa. Primeiramente apresentaremos o que é pesquisa e algumas de suas funções, em seguida alguns aspectos sobre as metodologias qualitativas. Logo após, focaremos em estudos relacionados ao cotidiano, por conseguinte comentaremos um pouco sobre a posição do pesquisador em relação aos dados coletados, depois abordaremos a importância sobre a pesquisa-ação tanto para o pesquisador quanto para o entrevistando, a relação entre ambos. E por fim, focaremos na leitura de imagens e sua importância para a elaboração da pesquisa, não obrigatoriamente seguiremos essa sequência, mas abordaremos o exposto.

A relevância da pesquisa

Sabemos como é importante pesquisar para obtermos o resultado sobre algo, mas para isso, temos que saber como pesquisar. Segundo Ferreira, (2009, p. 44):

(...) Entendo a pesquisa como a ação intencional e metodologicamente estruturada na busca de uma resposta para uma pergunta previamente elaborada. (...) Trata-se de uma atividade coletiva, cuja função primordial é atribuir sentidos ao cotidiano.

Com isso, percebemos que a ação intencional é o propósito pelo qual é utilizado para ir a campo. Nesse caso, a pesquisa nos remete a conhecer a realidade de um dado grupo social, permitindo-nos acompanhar e com isso têm-se uma visão mais ampla sobre a realidade à qual o objeto de estudo está inserido. Mas, antes de ir a

campo, temos que partir primeiramente de um problema, para então inserirmo-nos no contexto social, para em seguida manter em um diálogo com os entrevistados para assim, obtermos um resultado, seja ele esperado ou não.

Com a importância do diálogo em uma pesquisa, Ferreira, (2009, p. 44) afirma que: “(...) o diálogo assume função preponderante: garantir não só o relato, mas a reflexão sobre as ideias relatadas”. Com essas ideias relatadas, o pesquisador irá mudar ou não o seu olhar sobre o que esperava ouvir de seu entrevistado. Ele irá refletir, tendo o seu foco voltado para as novas ideias apresentadas.

Com isso, para a concretização de uma pesquisa o interessado busca compreender, como ocorre um determinado fato social, inserindo-se nele, de forma a se incluir e se relacionar ainda mais com sua pesquisa buscando resultados, conhecimentos, informações, sobre algo que não entendia e passa a entender na relação social com seu objeto de estudo. Mas, antes de pesquisarmos, temos que estar atentos, pois não sabemos como será a reação das pessoas com o surgimento de pesquisadores em seu local, com isso, o pesquisador muitas vezes não é aceito.

Essas dificuldades ao realizar uma pesquisa devem ser refletidas antes de ir a campo, ou seja, o pesquisador deve saber que pode conseguir êxito ou não em sua ida a campo. Pois, ele encontrará pessoas de diversos contextos sociais, culturas distintas, pobres, ricos, em fim, o pesquisador deverá estar preparado para essas circunstâncias, inclusive para a sua mudança de planos referente à sua pesquisa. Por isso, que o pesquisador deve ter uma boa base teórica antes de ir a campo, porque ele estará preparado para lidar com diversos tipos de informações que ajudarão ou não no percurso que deverá caminhar.

Como o pesquisador quando vai a campo ele precisa saber em que ambiente está inserido, deverá considerar alguns aspectos, pois há diversos tipos de pesquisa e destacaremos nesse momento a pesquisa qualitativa. Ludke, (1986, p. 11-13) aborda no texto, um livro “A pesquisa qualitativa em Educação” escrito por Bogdan e Biklen, esse livro destaca:

A pesquisa qualitativa tem um ambiente natural como sua fonte direta de dados e o pesquisador como seu principal instrumento (...), os dados coletados são predominantemente descritivos (...), o ‘significado’, que as pessoas dão às coisas e à sua vida são focos de atenção especial pelo pesquisador (...) e análise dos dados tende a seguir um processo indutivo (...).

Nesse caso são apresentados cinco aspectos considerados muito importantes pela autora, nesse primeiro aspecto, percebemos que é quando o pesquisador tem o seu contado direto com o seu objeto de estudo, com isso, sua presença é fundamental, para acompanhar de perto o que está acontecendo. Segundo a autora, esse tipo de estudo é também chamado de naturalismo, pois o pesquisador vai observar como acontece algo de forma natural, sem a interferência de nenhum sujeito.

No segundo aspecto, percebe-se a importância dos dados coletados, e são descritivos porque são as pessoas que relatam de forma consciente o que acontece ao seu redor, pois estão inseridas nesse ambiente e conhecem bem os acontecimentos desse local. Com esses dados o pesquisador tem que considerar pequenos detalhes que muitas vezes parecem serem despercebidos, mas que são indispensáveis para a complementação de um trabalho.

Já no terceiro aspecto, o foco é no processo, ou seja, estudar como surge, como acontece e como se desenvolve um determinado problema, estudando ele de uma forma que compreenda como ele é envolvido no cotidiano das pessoas. Nesse quarto aspecto verifica-se que o pesquisador deve estar bastante atento sobre o significado que as pessoas consideram determinados acontecimentos, porque o que aparentemente não tem valor simbólico para o pesquisador, é importantíssimo para quem esteja sendo entrevistado, caso o pesquisador não pense nessa possibilidade, ele poderá colocando em risco sua pesquisa.

Esse último aspecto é quando o pesquisador recebe uma informação, e não procura conhecer se o que lhe foi dito, realmente tem sentido e veracidade ou não, ou seja, ele não investiga as informações que chegaram a si.

Então, um pesquisador bem informado, possivelmente terá muito mais facilidade em realizar sua pesquisa, do que quem não tem informação nenhuma e resolve fazer uma pesquisa sem preparação. Para a elaboração da pesquisa com mais precisão, Ludke (1986, p. 15) considera importante: “(...) a seleção e definição de problemas, a escolha do local onde será feito o estudo e o estabelecimento de contatos para a entrada em campo”.

Sendo assim, a autora quer enfatizar que o pesquisador para evitar certos conflitos tem que ter um foco, analisar qual local seria mais viável para a sua pesquisa, para evitar possíveis constrangimentos na entrada em campo, porque se ele não for

alertado, poderá não concluir sua pesquisa e nem ser aceito nesse espaço onde quer investigar.

Segundo Ferrazo (2008) a pesquisa acontece no cotidiano, isto é no dia a dia para poder se aproximar mais de perto da realidade, em algo que poder parecer invisível no primeiro momento, mas com presença do pesquisador no campo de pesquisa, que nesse caso seria cotidiano escolar, poderá abranger assim, as redes tecidas na escola (exemplo).

Diante da problemática da pesquisa serão levantadas indagações, onde teremos um leque de informações que serão de ajuda antes, durante e depois da pesquisa. Essas indagações são muito importantes para a realização da pesquisa no cotidiano. Com os dados obtidos da pesquisa, do cotidiano escolar, que terão biografia, entrevistas, fotografias, conversas, depoimentos depois de compreendidos e discutidos e comprovados, terão como finalidade ajudar o pesquisador na formulação de seu conhecimento a partir dessa pesquisa.

Segundo Ferrazo, os praticantes do cotidiano são muito mais do que objetos de estudos são os protagonistas e autores das pesquisas. Assim, os praticantes do cotidiano têm um valor altíssimo para enriquecer todo o trajeto da pesquisa. Sendo assim, ao pesquisarmos sobre o cotidiano escolar, é uma forma de entendermos como nós mesmos, de alguma forma fazemos parte do meio educacional, como afirma Ferrazo (2008, p.27), “(...) como defendi em outro texto, em nossas pesquisas com o cotidiano escolar, estamos de alguma forma, em busca de nós mesmos, de nossas histórias de vida, de nossos “lugares” na educação”.

Então, quando o pesquisador foca nos sujeitos da pesquisa de forma individual é preciso observar os fatos adquiridos numa perspectiva singular e como o sujeito interage com o grupo e o lugar que ele faz sua ação, naquele momento histórico. O pesquisador precisa respeitar os dados coletados, e não ter um olhar de um pesquisador que se acha mais entendedor do que a realidade condiz, desrespeitando os fatos obtidos.

Além disso, para a melhor qualidade do estudo, o pesquisador necessita fazer uma seleção dos dados, para diferenciar o que é dito, pensado e agido naquele momento, pois, poder ser manipulado por interesses que não estão facilmente visíveis aos seus olhos. Sendo assim, as teorias serão o auxílio para o pesquisador relacionar com a realidade do campo pesquisado, mas para isso é preciso compreendê-la para se ter um bom resultado.

Com isso, a pesquisa que leva consideração as dimensões que podem ser estabelecidas entre o lugar, a participação dos sujeitos e a complexidade dos fatos, são relatos que são adquiridos, no cotidiano nos oferece uma visão mais completa do que está sendo pesquisado. Além disso, o pesquisador pode explorar bem o espaço oferecido no campo da pesquisa, usar várias fontes, não se limitar em apenas em fazer registros das entrevistas com os sujeitos pesquisados, como afirma Ferrazo (2008, p.32):

De fato, em minhas pesquisas, tenho tido a oportunidade de, além dos registros que faço das conversas de professores e alunos nos momentos formais e informais da escola para os quais sou convidado a participar, trabalhar com cadernos, cartazes, fotografias, livros didáticos e paradidáticos, vídeos, músicas, fotografias, revistas, textos escritos, entre tantas outras fontes que se apresentam. Para tanto, precisamos nos dispor a vivenciar os diferentes espaços tempos da escola na tentativa de ampliar tantos os dados quanto as análises.

Isso é outra forma de coletar dados e ouvindo os relatos de vários discursos, de uma problemática, que nesse caso seria na educação, em certo contexto histórico através da memória, em que o pesquisador poderá explorar bem, por investigar toda a repercussão do tema discutido, em que o sujeito pesquisado lembra-se do ocorrido, mesmo que haja algum tipo de subjetividade. Com isso haverá a oportunidade de dialogo, de diversas fontes.

Segundo Siqueira (2012) o partilhamento da memória, fornece a oportunidade do pesquisador reconstruir a historia, de como tudo aconteceu com um olhar de sempre querer mais, para poder associar com as teorias, que validam as ações do sujeito. A versão das narrativas da vivência empírica dos sujeitos pesquisados será comparada com a versão que os documentos dão sobre o assunto considerado. E assim o pesquisador poderá fazer uma análise e reflexão dos resultados obtidos em campo.

Embora o pesquisador, não possa ter vivido a história contada pelos sujeitos entrevistados, ele pode favorecer muito, com seu conhecimento acadêmico, como afirma Siqueira (2012, p.221):

(...) o pesquisador é alguém que não viveu a história (episódio, fatos etc.), mas que deseja atribuir a esta, por meio dos mecanismos da pesquisa científica, um valor tangível do ponto de vista acadêmico. Para tanto, lança mão de sujeitos narradores que viveram os fatos e que se tornam, no contexto da pesquisa, sujeitos de investigação. (...).

Percebemos que existem alguns motivos que podem manipular os relatos dos entrevistados, por isso, precisam estar atentos, e esses motivos remetem a razão, o lugar social, os laços afetivos que o sujeito tem com grupo que ele pertence, mesmo que seja de forma pouco visível aos nossos olhos, e até do pesquisador. Isso pode até seduzir ou desviar o percurso da pesquisa, para um ponto de vista pessoal sobre o assunto. Entretanto, a omissão que podem ser feitas pelo sujeito com seu olhar particular, não deixa de ser importante para enriquecer a pesquisa.

Como a pesquisa não é fácil, o pesquisador ao ir a campo terá alguns desafios a enfrentar, como o que é contado pelos sujeitos entrevistados por não serem fontes documentadas, e sim fragmentos da memória. Com isso, o pesquisador terá de remontar os fatos para poder ganhar sua consistência, como afirma Siqueira (2012, p.223):

Os fatos narrados não são como as fontes documentais, que ficam dispostas à espera do pesquisador, mas são fragmentos de memória, retalho descontínuos, decompostos, que, por meio da narrativa, ganham forma e consistência. Eles são remontados e socializados com o pesquisador para, depois, tornarem-se fragmentos novamente.

Sendo assim, a memória dos entrevistados, ajuda o pesquisador a resgatar os fatos de uma forma oral, permitindo mostrar novas versões do contexto histórico e do assunto discutido. E assim, seria viável reconstruir a história, permitindo assim esclarecer os conflitos, contradições e as interpretações que diversos sujeitos podem fornecer.

Já, Franco (2005) em seu artigo enfatiza as diferentes maneiras que o pesquisa-ação vem sendo utilizadas nas últimas décadas. Mas, o que seria a pesquisa-ação? A pesquisa-ação segundo a autora é uma pesquisa eminentemente pedagógica, uma vez que visa emancipar todos os sujeitos das práticas, favorecendo a pesquisa em campo de forma coletiva: pesquisadores e educando.

Sendo assim, a pesquisa-ação tendo um caráter emancipatório leva em consideração as vivências em grupo e não somente aquela certa hierarquia que existe nas pesquisas onde é considerado somente o olhar do grupo. Esse tipo de pesquisa começou com uma abordagem experimental, passando a absorver em seus pressupostos uma perspectiva dialética, vejamos o que diz Franco (2005, p.485):

Essa concepção inicial de pesquisa-ação dentro de uma abordagem experimental, de campo, adquire muitas feições fragmentadas durante a

década de 1950 e modifica-se, estruturalmente, a partir da década de 1980 quando absorve em seus pressupostos a perspectiva dialética.

A pesquisa-ação é compreendida em no mínimo em pelo menos três conceitos: O primeiro é quando a busca por transformações é solicitada pelo grupo de referência, ou seja quando o grupo quando o grupo pesquisado não tem participação nos resultados a pesquisa-ação vai ser conceituada colaborativa, pois, não tem um caráter emancipatório crítico. O segundo seria quando a pesquisa-ação busca a transformação considerando não só olhar do grupo pesquisador, mas levando em consideração o grupo pesquisado, valorizando as experiências cognitivas e buscando emancipar os sujeitos e suas condições, essa pesquisa ação passa a ser pesquisa – ação crítica emancipatória.

A pesquisa emancipatória tem caráter crítico e dialógico, pois emancipar é dar voz ao grupo pesquisado. Sendo os mesmos também sujeitos transformadores. Já no terceiro aspecto, a pesquisa-ação é estratégica, ou seja, quando não há participação dos sujeitos e apenas e apenas o pesquisador avaliará os resultados.

Uma condição para pesquisa-ação crítica é a negociação na prática do cotidiano do pesquisador. vejamos, o que Franco, (2005, p. 486) afirma:

A condição para ser pesquisa-ação crítica é o mergulho na plaxi do grupo social em estudo, do qual se extraem as perspectiva latente, o oculto o não familiar que sustenta as práticas, sendo as mudanças negociadas e geridas no coletivo.

No entanto ainda existem pesquisadores iniciantes que trabalha com certa hierarquia considerando o olhar crítico do pesquisador. Segundo Franco, (2005, p.487): “(...) o pesquisador só deve tentar mudar a dinâmica de um grupo com o consentimento explícitos dos membros desse grupo. Para isso o pesquisador deve assumir os dois papeis o de pesquisador e o de participante do grupo”.

Têm-se que ter certos cuidados, pois, muitas das vezes o que o pesquisador descreve como problema que precisa se mudado, é na verdade o sentido do grupo, que tem por trás toda uma cultura a exemplo disso são as antigas lavadeiras citadas pela professora Jaqueline, que por trás daqueles gestos simples existiam histórias bastantes significantes.

Segundo Lewin apud Franco, (2005, p. 485) a pesquisa-ação é uma espécie de espiral, que envolve três fases 1. Planejamento que envolve reconhecimento da situação; 2. Tomada de decisão; e 3. Encontro de fatos sobre os resultados da ação.

Portanto, quando falamos em pesquisa-ação, falamos de uma pesquisa que dialética onde o sujeito pesquisado tem voz e vez, e junto com o pesquisador busca compreender e transformar sua realidade tecendo, a formação do grupo na prática, sendo assim também não se pode separar o sujeito que conhece do sujeito a ser conhecido.

O autor Fischman (2004), em seu artigo sobre cultura visual, chama a atenção dos pesquisadores para a importância da cultura visual na pesquisa educacional, essa por sua vez é rica em significados, pelo que compreendemos nunca devemos olhar uma imagem como uma simples foto que não tem uma mensagem implícita. Infelizmente tem se olhado para imagem de forma a ignorá-la. Segundo Fischman, (2004, p.111) “(...) Para aqueles que querem incorporar os fenômenos visuais a pauta da pesquisa, essas limitações os forçam a submeter-se a processos de tradução “extraordinários”.

Esse autor nos lembra de que os usos das imagens saem caros para o pesquisador, mas, que nada justifica a não investigação da cultura visual que por sua vez é muito limitada e obscura. No entanto, podemos olhar essa problemática com otimismo.

Além, disso, Fischman (2004), ao longo do texto relata uma análise de uma foto tirada em uma escola para crianças com pequenos retardos. Aparentemente o cenário parecia está de acordo com o cotidiano escolar. Mas, os livros que estavam na foto de um aluno era artificial só o desenho, o que mostrava que a professora não incentivava a leitura com os seus alunos, talvez por julgar difícil para eles e segundo o aluno da foto ele já lia e escrevia seus próprios gibis em sua casa. A partir da leitura da foto os pais do menino resolver tirá-lo da escola o que o fez perder o ano e ganhar a vida, conta ele com orgulho.

Sendo assim, vale enfatizar que autor não menospreza o texto em pesquisa, ele apenas chama-nos atenção para grande importância que é a cultura visual no cotidiano do pesquisador. Pois, devemos ter sensibilidade ao ler uma imagem e criticá-las uma vez, que grande parte das imagens presente no nosso mundo são impostas pelo sistema

capitalista com intenção de manipular a liberdade do homem em relação ao consumo, mas uma outra parte dessas imagens são muito importante para pesquisa, cheias de significados. Com isso, o pesquisador deve estar bem atento em relação as imagens.

Portanto vivemos no mundo rico em imagens, essas por sua vez tem suas certas intencionalidades por isso devemos olhá-las com sensibilidade buscando ressignificar o que está explícito que é sem dúvida interessante para pesquisador e pesquisado em seu cotidiano.

Sendo assim, a autora Alves (2004) em sua pesquisa, remete a imagem com outro olhar, o olhar que uma simples foto dar a uma narrativa. Ela descreve as narrativas de professoras dos anos 50 a partir de análise de fotografia dos alunos na época. Ao lermos o texto compreendemos que as fotos tiradas anualmente dos alunos nas escolas já faziam parte da cultura escolar, e que tinha todo um significado.

As fotografias nos remetes ao passado de duas maneiras vejamos o que diz Alves (2000, p.130): “(...)Ao olhar uma fotografia para estudá-la, uma das questões mais complicadas é aquilo de que lembramos e o que esquecemos, aquilo que poderemos chamar de “perigo” das falhas da memória(...)”.

Através de uma simples fotografia nos lembramos, daqueles colegas mais chegados, daquele professor que nos ajudou com palavras e até mesmo de fatos significantes que marcaram a época, como é o caso de uma professora que lembra de uma certa confusão da escola que estudou, na qual provas foram falsificadas. Então, percebe-se os cuidados que o pesquisador deve ter na sua ida a campo, pois, são muitas informações que recebe, e com isso, infelizmente, não poderá utilizá-las todas, ou seja, tem que haver uma seleção desses dados, facilitando a concretude dos fatos e a elaboração da pesquisa com um determinado foco.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreendemos o quanto é importante pesquisar, adquirir conhecimento, para conhecer o cotidiano das pessoas em diferentes contextos sociais, favorecendo inclusive para a solução de um problema. E algo bem mais importante que consideramos, é ir a campo, sabendo que possivelmente encontraremos dificuldades, com isso, é importante irmos preparados, ou seja, dotados de teoria.

E os estudos de sala de aula, foram de muita importância, pois enfatizou muitos aspectos da pesquisa, que muitos de nós não sabíamos. Além disso, o envolvimento com esse estudo nos proporciona uma visão bastante abrangente sobre a pesquisa, que futuramente irá nos ajudar, proporcionando subsídios para o trabalho de conclusão de curso (TCC) e futuros artigos científicos.

Com esse artigo, obtivemos muitas informações que são relevantes, pois, ao pesquisarmos, temos que refletir sobre o local, a cultura, de um espaço social, os recursos, porque não é todo o ambiente que é favorável para a realização de uma pesquisa e não é sempre que temos condições financeiras para a ida a campo para coletar os dados. Sendo assim, o cotidiano, passa a ser muito importante para a nossa pesquisa, pois é dele que serão captadas informações, que em seguida passarão por uma seleção, apenas permanecendo no final, as informações mais relevantes para concretização de um ótimo trabalho.

Portanto é através da pesquisa que ressignificamos o passado e tecemos os fatos presentes. Com isso é de grande importância para o pesquisador está de olhos atentos para não ser injustos com o que está sendo pesquisado. Então, cabe ao pesquisador considerar as opiniões dos grupos investigados.

Em relação às imagens, podemos compreender que a imagem na pesquisa quando olhada por pessoas atentas fornece muitos significados e lembranças. Ela tece o presente e é capaz de reconstruir a história passada a partir de um novo olhar, um olhar crítico e ao mesmo tempo sensível, a ponto de não ignorar a cultura visual e suas mensagens implícitas e despercebidas. Sendo assim, cabe ao pesquisador buscar as informações que passam despercebidas, que muitas vezes são vistas sem importância como é o caso da cultura popular.

REFERÊNCIAS

ALVES, Nilda. Nossas lembranças da escola tecidas em imagens. In: CIAVATTA, Maria; ALVES, Nilda (Orgs.). **A leitura de imagens na pesquisa social: história, comunicação e educação**. São Paulo: Cortez, 2004.

Esquinsani, R. S. **Entre percursos, fontes e sujeitos: pesquisa em educação e uso da história oral**. São Paulo, Educação e Pesquisa, 2012.

FRANCO, Maria Amélia. Pedagogia da Pesquisa-Ação. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ep/v31n3/a11v31n3.pdf>>. Acesso: 12 Maio 2012.

FERRAÇO, Carlos Eduardo. A Pesquisa em Educação no/do/com o Cotidiano das Escolas. In: PEREZ, Carmem L. Vidal; OLIVEIRA, Inês Barbosa de; FERRAÇO, Carlos Eduardo (Orgs.). **Aprendizagens cotidianas com a pesquisa: novas reflexões em pesquisa nos/dos/com os cotidianos das escolas**. Petrópolis: DP et Alii, 2008.

FERREIRA, L.S. **A pesquisa educacional no Brasil: tendência e perspectiva**. Contrapontos, Itajaí, 2009. Disponível em: <<http://www6.univali.br/seer/index.php/rc/article/view/974>>. Acesso: 13 Jun 2012.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E.D.A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.